

A VOZ DE FUTUROS PROFESSORES: UM RECURSO DIDÁTICO PARA FORMAÇÃO INICIAL.

Isabela Vicenzo Sgobbi, Marilda Da Silva

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

O objetivo deste estudo é mostrar lembranças de práticas pedagógicas vivenciadas durante a trajetória escolar por 80 alunos que cursaram a Graduação em Pedagogia na Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara/UNESP nos anos de 2005 (período diurno) e 2006 (período noturno). As fontes foram produzidas no âmbito da disciplina Didática II, que compõe a grade da respectiva graduação. Para o tratamento dos dados utilizamos a técnica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), que permite levar em conta apenas informações explicitamente registradas pelos sujeitos. Obteve-se informações sobre a lógica estrutural da produção da história de escolarização e dados sobre os tipos de práticas pedagógicas que são efetivadas nos diferentes níveis de ensino. Neste caso, esses tipos ganham maior grandeza porque são apontados por futuros professores e professoras. Assim, temos uma informação de um grupo que se prepara para ser profissional no campo dessas lembranças, isto é, a sala de aula. São informações úteis para se pensar a formação inicial e a ação docente propriamente dita. Seguramente tais dados permitem uma larga reflexão sobre o que auxilia e o que não auxilia a aprendizagem do aluno, do ponto de vista do aluno que se prepara para ser professor. Palavras - chave: Formação Inicial. Histórias de Escolarização. Práticas Pedagógicas.

A VOZ DE FUTURO PROFESSORES: UM RECURSO DIDÁTICO PARA FORMAÇÃO INICIAL.

Isabela Vicenzo Sgobbi; Marilda da Silva. Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara, UNESP.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem um viés autobiográfico tanto pelo seu conteúdo temático – Histórias de Escolarização de alunos de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus de Araraquara –, como pelo fato de ter sido desenvolvida por uma das ex-alunas desse curso. O presente trabalho tem, portanto, como objeto de estudo as práticas pedagógicas vivenciadas ao longo da trajetória de escolarização por 80 sujeitos que cursaram a graduação em Pedagogia na referida faculdade, nos anos 2005 (período diurno) e 2006 (período noturno). A pesquisa está no âmbito da abordagem qualitativa, caracterizando-se como um estudo descritivo-analítico. Os dados aqui apresentados mostram-se úteis para se pensar a formação e a atuação docente, especialmente no âmbito do curso de Pedagogia e, de modo geral, a docência.

Os saberes inerentes à profissão docente são oriundos de diversas fontes, espaços, tempos e experiências que, conjuntamente, configuram a base do trabalho do professor. Nesse sentido, há inúmeros contextos formativos que permitem o desenvolvimento profissional da docência como os percursos de vida, as decisões, as experiências e as aprendizagens pessoais e profissionais. De acordo com Chakur (2000, p.232):

Ao longo de sua vida acadêmica – na verdade, desde seu tempo como aluno - o professor constrói diferentes esquemas de “ser professor”, de ação didático-pedagógica, de “ser aluno”, de “dar aula de...” etc., ancorado, às vezes, em teorias sistematizadas aprendidas em curso de formação, às vezes no “ouvir dizer e ver fazer” ou no simples fazer, ou mesmo numa mistura de tudo isso (grifos nossos).

De acordo com esse pressuposto, a aprendizagem da docência se inicia bem antes do curso de formação inicial, por meio das próprias vivências do futuro professor como aluno, permeia o curso de graduação e continua durante toda a vida do professor, constituindo uma gama variada de experiências. Reali e Tancredi (2002, p.76, grifos nossos) afirmam que:

Tais experiências auxiliam na modelagem das tendências e das práticas pedagógicas dos professores. *A influência das experiências de escolarização como aluno é aparentemente forte na prática docente posterior, já que os professores passam por um processo de aprendizagem por observação, informal, ao longo do tempo.* A aprendizagem profissional dos professores, nesse aspecto difere da preparação de outros profissionais, uma vez que já vivenciaram a prática, embora sob outra ótica, antes de ingressarem no curso de formação básica. Trata-se de um desafio a vencer: ultrapassar os limites da experiência e da vivência dado que muitas dessas experiências não são as desejáveis.

Seguindo o mesmo viés interpretativo, podemos constatar que os professores passam por uma formação incidental, que acontece no ambiente escolar, devido ao longo tempo em que foram alunos e acabam incorporando determinadas ideias sobre o ensino que podem se perpetuar em sua prática profissional. Autores como Torres (1999) destacam a importância da biografia escolar do docente na definição de suas práticas educativas e estilos de ensino.

Os conhecimentos, valores e crenças adquiridos ao longo da trajetória de escolarização são uma parte constituinte dos quadros de referência dos professores bem como as experiências de ensino, os hábitos e crenças da escola na qual o professor atua e os conhecimentos advindos de outros grupos como associações ou grupos políticos.

Sendo uma das referências dentre os pesquisadores que tratam das questões sobre formação e atuação docente na atualidade, Nóvoa (1992; 1995) em seus estudos, propõe práticas de formação que reconheçam as experiências de vida dos sujeitos como fonte de aprendizagem e de saberes que consolidam e subsidiam o trabalho pedagógico efetivado.

Defendendo o uso de narrativas autobiográficas em contexto de formação, Bueno (2002) chama atenção para as possibilidades formativas do método autobiográfico, “[...] uma vez que ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo” (2002, p.23). Seguindo tais reflexões, vamos ao encontro das hipóteses levantadas por Catani (2003) que, ao examinar as implicações pedagógicas das práticas autobiográficas na formação profissional daqueles que pretendem seguir a carreira docente ou já atuam nela, insiste nas potencialidades autoformativas que as narrativas autobiográficas, os relatos de formação e as histórias de vida de formação possuem. Além disso, a autora assinala que práticas

autobiográficas favorecem a reconfiguração das experiências de formação e escolarização, pois desencadeiam análises e reflexões sobre as diferentes relações dos sujeitos com os conhecimentos, com os espaços escolares e com os outros sujeitos que estão presentes no contexto escolar.

Por meio das reflexões apresentadas até este momento, vemos que o pressuposto que fundamenta a utilização do relato autobiográfico, oral ou escrito, tanto nos estudos sobre a prática pedagógica quanto em espaços de formação profissional, é o de que a narrativa pode funcionar como uma das possibilidades que o professor tem para refletir sobre o que vive, pensa e o que faz. Desse modo, por meio dos relatos autobiográficos é possível repensar as imagens de professor que ficaram registradas na memória e que podem influenciar a maneira de ser professor, a qual se manifesta nas práticas pedagógicas efetivadas em sala de aula.

Salientamos que, nesse sentido, nosso trabalho é diferente, pois dá voz a alunos que cursam Pedagogia, ou seja, se preparam para serem professores. Contudo, torna-se necessário destacar que, a nosso ver, trabalhar com histórias de vida desses sujeitos, enquanto alunos, carrega as mesmas potencialidades, ou seja, constitui-se em um modo de investigação dos processos formativos, permitindo que o aluno expresse suas memórias, explicitando os modelos, concepções e ideias que traz consigo, passando – já na formação inicial – pelo processo de enfrentar, ressignificar e reconfigurar discursos, imagens e modos de ser professor. Abre-se, desse modo, a possibilidade de reconfiguração das experiências de formação e escolarização, o que, acreditamos, pode ajudar o futuro professor na aquisição da consciência crítico-reflexiva, pensando em sua futura atuação profissional.

METODOLOGIA

Nossos sujeitos são alunos da Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Campus de Araraquara, que se preparam para serem professores e passaram por um processo de escolarização recente, culminando com o ingresso no curso superior. Desse modo, damos voz a alunos e alunas que cursam a formação inicial em Pedagogia e que, portanto, se preparam para o exercício da docência. Levando em consideração os anos temos os seguintes dados:

Quadro 1: Número de sujeitos em relação ao ano e ao período

2005/DIURNO	2006/NOTURNO
38	42
TOTAL: 80	

Fonte: Elaborado pela autora

O total de sujeitos é 80 e no que diz respeito ao número de alunos, no ano 2006 há 4 sujeitos a mais do que no ano de 2005. Com relação ao gênero dos sujeitos temos 36 mulheres e 2 homens no grupo 2005/Diurno e temos 38 mulheres e 4 homens no grupo 2006/Noturno. As mulheres correspondem a 92,5% do grupo total de sujeitos.

Portanto, as fontes do presente estudo são 80 registros memorialísticos. Esses registros, denominados “Histórias de Escolarização”, têm em média 10 páginas cada um e foram produzidos por alunos e alunas do terceiro ano da Graduação em Pedagogia que cursaram a referida série em 2005, no período diurno e em 2006, no período noturno.

No que se refere às narrativas, é importante destacar que foram produzidas num espaço específico que é a disciplina Didática II, ministrada, na seriação ideal, no primeiro semestre do terceiro ano da respectiva graduação. Assim, ressaltamos que as autobiografias que nos propusemos a analisar foram elaboradas em um campo específico da atividade humana, o meio acadêmico, e carregam a peculiaridade de ser um trabalho que faz parte de uma disciplina específica da Graduação.

As histórias de escolarização são produzidas desde 2003 no âmbito da disciplina Didática II. Os alunos e alunas de Pedagogia produzem sua história de escolarização referente ao período que corresponde à sua entrada na primeira instituição de caráter escolar até o ingresso na universidade. A tarefa de reconstituição da trajetória escolar, perpassando fatos, acontecimentos, datas e situações ocorridas durante tal período, é estimulada por meio da leitura da obra de Elias Canetti, denominada *A Língua Absolvida* (1987). O autor nesse livro faz diversas menções a seus professores, como por exemplo:

[Eugen Muller] Quando nos falava dos gregos, seus olhos, abertos descomensuradamente, pareciam-me os de um vidente extasiado; ele nem sequer olhava para nós, mas para aquilo de que falava; sua fala não era rápida, mas ininterrupta, ao ritmo das ondas do

mar; quer a luta fosse em terra, quer fosse na água, eu sempre me sentia em meio ao oceano. (CANETTI, 1987, p.172).

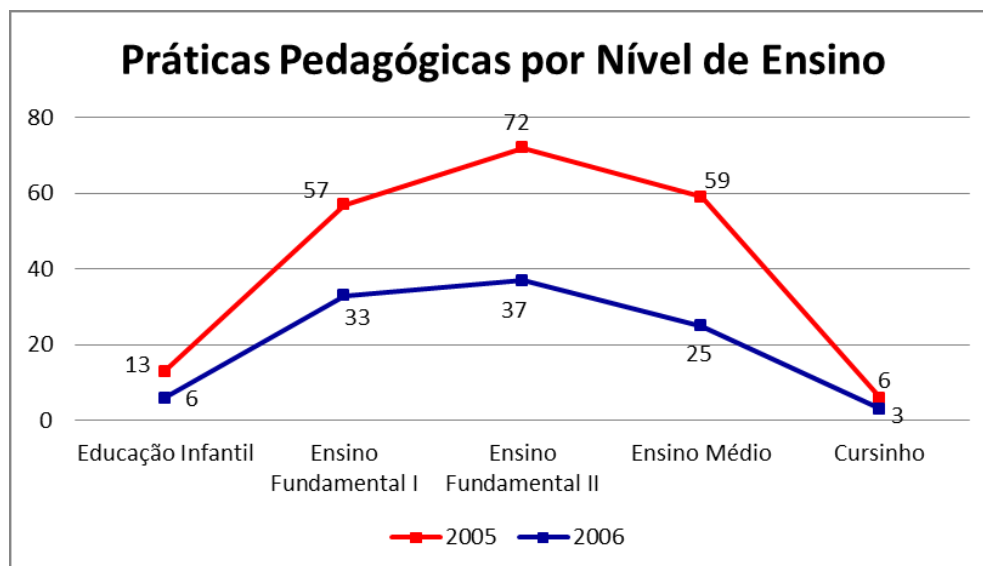
Esse fragmento dá uma ideia da forma do relato que serve de espelho para os alunos em questão. É claro que essas fontes não se furtam à natureza humana acerca dos sentimentos suscitados durante esse registro e, por essa razão, utilizamos a técnica Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) que, nesse caso, levou em conta apenas informações explicitamente registradas sobre lembranças advindas das experiências didático-pedagógicas vivenciadas, em especial, aquelas que se referem às práticas pedagógicas efetivadas pelos professores em sala de aula.

Em quase todas as Histórias de Escolarização produzidas por nossos sujeitos, há registros de como os professores ensinam os conteúdos de sua responsabilidade e como isso é feito do ponto de vista da qualidade e do tipo de relação professor-aluno. Os sujeitos explicitam as ações, atos e atividades que constituem as práticas pedagógicas, por meio das quais os professores ensinaram os alunos – nossos sujeitos – ao longo da escolarização. Desse modo, por meio da técnica Análise de Conteúdo, levando em consideração a homogeneidade, a exaustividade e a pertinência das informações extraídas das fontes, elaboramos três categorias que se referem à prática pedagógica:

- Atividades Realizadas: refere-se aos trabalhos e atividades propostas pelo professor e aos recursos e materiais que utiliza no ato de ensinar;
- Características Pedagógicas: refere-se ao modo de ensinar e às ações e atitudes do professor com relação ao processo ensino-aprendizagem;
- Características Pessoais/Pedagógicas: refere-se a características pessoais do professor que têm implicação na prática pedagógica e se relacionam com o âmbito do ensino, ou seja, influenciam a ação de ensinar.

Com relação às práticas pedagógicas lembradas por nossos sujeitos, quantitativamente, há o predomínio do Ensino Fundamental Ciclo II, conforme se observa no gráfico:

Gráfico 1: Práticas Pedagógicas por Nível de Ensino



Fonte: Elaborado pela autora

Podemos constatar que em todos os níveis de ensino há maior quantidade de lembranças de práticas do grupo de sujeitos do ano 2005, apesar desse grupo ser composto por 4 sujeitos a menos que o grupo do ano 2006. Acreditamos que isso se relaciona com o fato de os sujeitos do ano 2005 serem mais detalhistas e descritivos em seus relatos, o que não foi observado no grupo de 2006, que escreveu relatos mais sucintos e gerais.

Em ambos os grupos, quase todos os sujeitos iniciaram suas redações referindo-se ao próprio nascimento e relatando brevemente fatos de sua infância, nomeando ou descrevendo as pessoas que faziam parte de sua família. Também em ambos os períodos, as mães foram as principais responsáveis pelas lembranças referentes ao período da Educação Infantil, sendo que muitos sujeitos descreveram a dificuldade em adaptar-se ao ambiente da escola, associada com o medo que sentiam de ficar longe da mãe. A esse respeito, os relatos a seguir são ilustrativos:

Nada me motivava ir na escola, tinha medo, e preferia fazer atividades em casa. [...] Era tudo estranho, tinha receio e muita falta da minha mãe; me sentia muito insegura. (Sujeito 1, ano 2005, diurno)

O choro foi meu grande companheiro por um bom tempo na minha infância. Principalmente quando me afastavam do meu porto seguro, mais conhecido como Mãe. Difícil foi o momento de ir para a escola. (Sujeito 10, ano 2006, noturno)

As comemorações e festas bem como a elaboração de lembranças em dias marcantes como Dia das Mães, Dia dos Pais, Páscoa, Dia do Índio e outras

datas, foram práticas recorrentes principalmente no período da Educação Infantil. A brincadeira e a leitura são atividades que nossos sujeitos-alunos lembraram como parte das práticas pedagógicas efetivadas pelas professoras que tiveram na Educação Infantil. Nesse sentido, nossos dados apontam na mesma direção de Silva (2003), que ao pesquisar seis professoras da Educação Infantil, verificou que o espaço para brincadeiras e jogos é proporcionado tanto em sala de aula como fora desta e também que todas as professoras pesquisadas têm o hábito de ler e contar histórias para seus alunos. Verificamos, assim como Silva (2003), que a área de Língua Portuguesa é a mais trabalhada pelas professoras, tendo em vista que são desenvolvidas muitas atividades voltadas à leitura e à escrita, relacionadas ao início da alfabetização.

Ainda de acordo com Silva (2003), a atuação do professor deve ser revestida de aceitação e aconchego, importando-se concretamente com o aluno e seus questionamentos. Nesse sentido, os próprios sujeitos-alunos destacaram algumas características como fundamentais para o trabalho com crianças:

Era uma boa professora, atenciosa, doce, tinha uma certa paciência que é algo fundamental, quando o assunto é crianças. (Sujeito 5, ano 2005, diurno, Maternal)

[...] era uma excelente professora: meiga, carinhosa e animada; tudo que uma criança da pré-escola deseja de sua professora. (Sujeito 12, ano 2005, diurno, Pré)

A entrada na 1ª série foi relatada pela maioria de nossos sujeitos como algo tranquilo, já que não há mais o medo de ficar sem a mãe. Todavia, os sujeitos sentem-se ansiosos frente ao novo, principalmente com relação à figura do professor. Com relação às atividades realizadas na 1ª série pudemos notar que o foco está voltado para o aprendizado da escrita e que predominam atividades de Língua Portuguesa. Assim, parece-nos que as práticas descritas por nossos sujeitos-alunos caminham na mesma direção encontrada por Biodere (2009): a preocupação maior está no aprendizado da escrita, sendo adotados diferentes tipos de atividades para atingir tal fim.

Nas descrições das professoras da 1ª série, são marcantes características pessoais como amorosa, atenciosa e carinhosa e pudemos perceber que há uma proximidade grande entre professora e alunos, ou seja, há marcas afetivas na relação professor-aluno.

Considerando-se o Ciclo I do Ensino Fundamental, as atividades referentes à Língua Portuguesa são as que aparecem com maior incidência, por meio de

atividades de leitura, leitura de livros, cópias, ditados, exercícios de caligrafia, separação de sílabas, dentre outras. A Matemática aparece principalmente a partir do 3º ano do Ensino Fundamental Ciclo I, associada com a tabuada e a necessidade de decorá-la. Observamos também que a prática de ajudar/auxiliar os alunos com dificuldades se faz presente já na Educação Infantil e permanece no Ciclo I do Ensino Fundamental, conforme ilustram os trechos a seguir:

Esta era muito simpática, sorridente, já chegou nos dizendo que trabalharíamos todos em conjunto e que se tivéssemos dificuldades, ela nos ajudaria e também os alunos que soubessem mais ajudariam os que soubessem menos. [...] (Sujeito 35, ano 2005, diurno, 2ª série)

A professora era muito paciente e quando não entendíamos, chamava em sua mesa e explicava para quem não tinha entendido a explicação feita na lousa. Passava então uma lista de exercícios para serem resolvidos em casa. Na classe corrigia todos os exercícios, pedindo para que fossemos fazer na lousa com isso entendermos e fixar melhor a matéria. (Sujeito 24, ano 2005, diurno, 3ª série)

O ingresso na 5ª série, – hoje 6º ano do EF Ciclo II –, foi apontado como um marco, trazendo ansiedade, receio e surpresas e foi sentido como uma grande mudança: os alunos-sujeitos não são mais crianças, há mais responsabilidades, são muitos professores e estes são mais exigentes. Os alunos-sujeitos relataram também mudanças na relação professor-aluno: os professores são menos próximos dos alunos, é uma relação mais distante e mais profissional, diferente do que acontecia na Educação Infantil e no Ciclo I, onde as relações carregavam muitas marcas afetivas.

No Ensino Fundamental Ciclo II, as atividades avaliativas – as provas – e os trabalhos em grupo ganham mais espaço. Os alunos deram destaque para a realização de atividades extraclasse, atividades práticas e idas ao laboratório. Tais práticas foram apontadas como bem sucedidas, trazendo contribuições importantes para a aprendizagem, além do fato de tomarem a aprendizagem mais agradável. Com relação às atividades e aos materiais usados pelos professores, pudemos perceber em todo o Ensino Fundamental Ciclo II a presença de questionários, atividades de leitura de livros, chamada oral, cópias, trabalhos em grupos, apresentação de trabalhos e atividades práticas. Observamos que a característica ‘auxiliar nas dificuldades dos alunos’ também se faz presente no Ciclo II e é apontada pelos alunos como algo positivo:

[...] se alguém não entendia ela vinha com a maior paciência e explicava tudo quantas vezes fosse preciso até a pessoa entender. (Sujeito 24, ano 2006, noturno, 6ª série, Geometria)

Por fim, no Ensino Médio, as atividades em grupo, bem como a apresentação de trabalhos e seminários são atividades que se destacam assim como atividades de resolução de exercícios. Ensinar com entusiasmo, ensinar com música e usar senso de humor no trato com os alunos foram características recorrentes apontadas por nossos sujeitos. Os alunos também descrevem positivamente aulas práticas e atividades de visitas e passeios.

[...] Essa professora promovia passeios, e atrativos para sua aula, a aula não se baseava apenas em conteúdos, a professora mostrava através de fotos e paisagens o que dava valor e ilustravam a realidade que ela ensinava. (Sujeito 5, ano 2005, diurno, 1º ano do Ensino Médio, Geografia)

Ainda no Ensino Médio, os alunos deram destaque para a característica 'auxiliar nas dificuldades dos alunos', novamente apontada como algo positivo como notamos no trecho a seguir:

Ela era calma e falava bem baixinho, não me lembro dela ter se exaltado. Ela conseguia controlar a classe sem precisar ficar gritando. Suas aulas eram interessantes, valorizava a participação dos alunos nas aulas, ela dava várias atividades em grupo e trabalhava bastante a redação dos alunos. Atendia os alunos, que quisessem tirar dúvidas, em outros horários e era muito companheira de todos os alunos. (Sujeito 3, ano 2005, diurno, Ensino Médio, Português)

É claro que há diferenças na atuação do professor dependendo do nível de ensino em que leciona, entretanto, apesar das diferenças entre as séries e os níveis de ensino, pudemos perceber que há permanência de características dos professores, bem como permanência de tipos de atividades realizadas, embora com objetivos e ênfases distintos. Por exemplo, como já destacamos anteriormente, em todos os níveis de ensino, a característica 'auxiliar nas dificuldades dos alunos' foi citada e sempre apareceu como algo positivo e valorizado pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que as Histórias de Escolarização, - enquanto relatos que contém uma riqueza de práticas profissionais efetivadas em escolas e salas de aula -, podem servir como casos a serem discutidos e analisados na busca de respostas, de caminhos e na elaboração de planos e intervenções necessárias, tendo em vista o trabalho docente.

Acreditamos que o conhecimento e a análise de situações pedagógicas não precisam ficar restritos aos estágios, como é mais comum ocorrer nos cursos de formação de professor. As Histórias de Escolarização, como as que foram produzidas por nossos sujeitos, podem se constituir em instrumentos importantes de aprendizagem, caminho, esse, que pode facilitar a reflexão sobre a prática profissional ainda não exercida pela maioria dos sujeitos que está em fase de formação.

A história de vida construída a partir de um cotidiano, quando é refletida e assumida pelos educandos, constitui uma base sólida para suas ações. Considerar-se a experiência de vida como ponto de partida para a elaboração de conhecimentos sobre a Educação parece-nos ser um caminho fértil para trazermos mais qualidade e eficiência à formação dos professores.

Os registros de vivências educacionais, as experiências e as concepções dos alunos podem ser trabalhadas como material para articulação entre teoria e prática e, dessa forma, os relatos de experiência devem ganhar novos significados na constituição dos currículos dos cursos de formação de professores. Essas informações, quando sistematizadas, podem se constituir em fonte de referência para o desenvolvimento dos conteúdos curriculares. Assim, pensamos que o uso de práticas autobiográficas aparece como uma alternativa benéfica também em se tratando de “alunos que se preparam para ser professor”, ao serem utilizadas como um recurso didático/metodológico para contribuir com a qualidade da formação. Os exercícios autobiográficos são de extrema importância ao se pensar na formação do professor, pois são neles que residem o maior número de informações sobre experiências e modelos que o futuro professor carrega consigo e é nesse sentido que as questões autobiográficas aparecem como um recurso didático. Ao explicitarmos o que os alunos de Pedagogia lembraram e relataram, isso se constitui em uma contribuição, ainda que indireta, para a aprendizagem da docência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BUENO, B. O. **O método biográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p 11-30, jan/jun. 2002.
- BIODERE, N. **Práticas de leitura: concepções de uma docente da 1ª série do ensino fundamental da cidade de Umuarama-PR**. 2009. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.
- CANETTI, E. **A Língua absolvida: história de uma juventude**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1987.
- CATANI, D. B. et al. **Docência, memória e gênero – estudos sobre a formação**. 2 ed. São Paulo: Escrituras, 2002.
- CHACKUR, C.R.S.L. **Desenvolvimento profissional docente: uma leitura piagetiana**. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2000.
- NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- _____ (Org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.
- REALI, A.M.M.R.; TANCREDI, R.M.S.P. Interação escola-famílias: concepções de professores e práticas pedagógicas. In: MIZUKAMI, M. da G. N.; REALI, A.M.de M. R. (Org.). **Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Escola**. São Carlos: EdUfscar, 2002. p. 74-98.
- SILVA, R. R. da. **O ensino de Ciências: investigando a prática pedagógica e investindo na formação continuada de professores da educação infantil**. 2003. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.
- TORRES, R. M. Tendências da Formação Docente nos anos 90. In: WARDE, M. J. (Org.) **Novas Políticas Educacionais: críticas e perspectivas**. São Paulo: Programa de Estudos de Pós Graduados em Educação: História e Filosofia da Educação de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998, p.173-191.